

TEOLOGIA DA ANAMNESE: ASPECTOS BÍBLICOS E TEOLÓGICOS

ANAMNESIS THEOLOGY: BIBLICAL AND THEOLOGICAL ASPECTS

Vanderson de Sousa Silva*

RESUMO

O artigo discute a teologia do memorial, tendo como pano de fundo, a perspectiva bíblico-teológica de construção do conceito de “memória”. Para tanto, vislumbramos que o vocábulo hebraico *zikkaron* significa recordação, memorial e, no contexto veterotestamentário expressa o sentido de atualização do evento salvífico do passado, no hoje do culto judaico. Tal teologia é assumida no Novo Testamento – pela palavra grega *anámnesis* – que corrobora o sentido de memorial que presentifica, sob o véu dos sacramentos, o evento Pascal. Assim, no artigo buscaremos investigar a teologia *anamnética*, tendo o mundo bíblico-judaico do Antigo Testamento como horizonte. O projeto do texto possui limitações, nosso intento é apresentar, ainda que laconicamente, a teologia *anamnética*, no contexto da memória litúrgica.

Palavras-chave: Teologia do memorial. *Zikkaron*. Liturgia.

ABSTRACT

The article discusses the theology of the memorial, with the backdrop, the biblical-theological perspective concept of the construction of “memory.” Therefore, we glimpse the Hebrew word *zikkaron* means remembrance, memorial and in the Old Testament context expresses the sense of updating the salvific event of the past, today’s Jewish worship. This theology is assumed in the New Testament – the Greek word *anamnesis* – which confirms the sense of memorial that makes present, under the veil of the sacraments, the Paschal event. Thus, the article

* Mestre em Teologia Sistemático-Pastoral pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, PUC-RJ, graduado em filosofia, pedagogia e história. E-mail: <semvanderson@hotmail.com>.

Teocomunicação	Porto Alegre	v. 45	n. 3	p. 269-284	set.-dez. 2015
----------------	--------------	-------	------	------------	----------------



will seek to investigate the anamnestic theology, and biblical-Jewish world of the Old Testament as the horizon. Text design has limitations, our intent is present, albeit laconically, the anamnestic theology in the context of the liturgical memory.

Keywords: Theology of the memorial. *Zikkaron*. Liturgy.

Introdução

Jesus ordenou aos discípulos durante a Ceia Pascal: “Fazei isto em minha memória”¹ (*toûto poeîte eis ten emèn anámnesin*). Este é o mandato do Senhor: fazer *anamnese*. A comunidade dos discípulos buscou ser fiel a este mandato celebrando ininterruptamente a Eucaristia. Recolhendo esta memória de forma especial nas Orações Eucarísticas a Igreja expressa na ação litúrgica a *anamnese* ou memorial pedido pelo Senhor na Ceia.

Neste artigo buscaremos investigar a teologia *anamnética*, tendo primeiramente como pano de fundo o mundo bíblico-judaico do Antigo Testamento. O nosso intento é apresentar, ainda que resumidamente, a teologia *anamnética* como mandato de Jesus, tanto historicamente como seu sentido escatológico. Portanto, não esgotaremos o sentido bíblico e teológico da mesma, mas apenas a apresentaremos, no contexto da memória litúrgica.

1 O *Zikkaron* judaico

O vocábulo hebraico *zikkaron*², da raiz *zkr*, significa recordação, memorial. No contexto bíblico veterotestamentário expressa muito mais do que a simples recordação de um fato do passado. No Novo Testamento é traduzido pela palavra grega *anámnesis*. Segundo B. Neunheuser, este termo ocorre em contextos litúrgicos e cúltricos. Isso

¹ 1 Cor 11,25.

² O *zikkaron* nas perícopes veterotestamentárias: dirigindo-se a Deus, convidado a ‘lembrar-se’ quer do povo que executa o rito, quer do gesto salvador que cumpriu outrora e cuja renovação permanente se impõe (*Gn* 8,1; 9,15; 19,29; 30,22; *Ex* 6,5; 28,12,29; 30,16; 39,7; *Lv* 2,2-9,16; 5,12-26; 6,8; 24,7; *Nm* 5,15-18; 17,5; 31,54; *Sl* 10,11; 13,2; *Zc* 6,14; *Ml* 3,16). O *zikkaron* dirige-se igualmente ao povo que deve ‘lembrar-se’ do gesto de Deus e de seu significado permanente (*Ex* 12,14; 13,9; 17,14; *Lv* 23,2; *Nm* 10,10; *Dt* 2,9; 8,11.14.18-19; 9,7; 24,17-19; 32,7; *Js* 4,6; *Ecl* 1,11; 2,16; *Is* 44,21).

pode ser verificado nas perícopes: *Lc* 22,19; *I Cor* 11,24-25 e *Hb* 10,3. No Antigo Testamento as formas da raiz hebraica *zkr*³ ocorrem cerca de 230 vezes, o que indica sua importância na teologia veterotestamentária⁴.

O *zikkaron* está associado à história da salvação e possui um caráter antropológico, pois “fazer memória” é uma característica tipicamente humana. Ao fazer memória, o homem torna-se capaz de superar as experiências efêmeras experiências e compreender-se como pessoa histórica. Deus se revela na história fazendo-a uma história de salvação, por isso a memória é o pressuposto indispensável para o encontro da pessoa com o Mistério. Decorre, portanto, que do encontro do homem com o Mistério é que se pode viver a atitude de perene ação de graças, quando se assume a história humana como sendo *Historia Salutis*.

Assim, “fazer memória” (*zikkaron*) para Israel era reconhecer a ação de Deus que caminha com seu Povo e a sua ação salvadora. Ao realizar o memorial, os israelitas reviviam, antes de tudo, o Êxodo. Recordavam também os outros acontecimentos importantes da sua história: a vocação de Abraão, o sacrifício de Isaac, a aliança do Sinai, as numerosas intervenções de Deus em defesa do seu Povo. Esta memória das ações salvíficas, não ficava presa aos eventos realizados por Deus em favor de Israel. A cada vez que era celebrada, ela permitia que as *mirabilia Dei*, de outrora se tornassem atuais e operantes⁵.

2 Fundamentos bíblicos do conceito cultural de ‘memorial’ no Antigo Testamento

O memorial judaico concretiza-se nas festas: do purim (*Est* 9,28), dos taberláculos (*Lv* 23,33s) e de maneira densa na páscoa anual. Na

³ Acerca do significado do termo *zkr*, assevera Enrico Mazza: “*En outre, l’usage culturel de zkr (mémorial) dans les sacrifices vétértestamentaires est bien éloigné du rite de la célébration eucharistique de l’Église; en effet, zkr désigne la meilleure partie de La victime offerte à Dieu dans Le sacroifice vétértestamentaire pour faire mémoria. Je ne vois aucun lien entre La meilleure partie de La victime sacrifiée à Dieu em mémoire (zkr) et la phrase de Jésus à la dernière cène: ‘Faites cela em mémoire de moi’. Je ne vois pas non plus comment on peut dire que l’eucharistie a été instituée pour rappeler à Dieu de se souvenir de nous*”. MAZZA, E. *L’action Eucharistique*. p. 19.

⁴ NEUNHEUSER, B. Memorial, p. 727-728.

⁵ Notório é o que o rabi Gamaliel assevera acerca da relação entre memorial e atualização no *hodie* da história, segundo o mesmo, é que “De geração em geração, cada um de nós tem o dever de se considerar como se ele próprio tivesse saído do Egito [...]. Não são somente nossos pais que o Santo, bendito seja ele, libertou; mas a nós também ele libertou”. MISNAH. *Pesahim* X, 5.

celebração anual da páscoa podemos ver o *zikkaron* no núcleo da liturgia pascal, ao observar o rito desta liturgia judaica percebe-se claramente que o objetivo é impedir que a ação salvadora de Deus caísse no olvidamento.

A perícope do Êxodo (*Ex* 12, 1-14.28), atesta a eficácia do sangue como um sinal de pertença e de proteção – um sinal de aliança. O versículo 13 afirma que “O sangue, porém, será para vós um sinal”. É um sinal dado em prefiguração simbólica, pois ainda escravo no Egito, pelo sinal profético se anuncia a saída. Esse sinal deverá, pois, ser retomado pelas gerações subsequentes, para que seja memorial da redenção.

No v. 14 o hagiógrafo afirma que “Este dia será para vós um memorial (*le-zikkaron*), e o celebrareis como festa para Iahweh; nas vossas gerações a festejareis; é decreto perpétuo”. A páscoa israelita de saia do Egito marcou tão profundamente Israel, que este evento se tornou dia de festa. Como demonstra a perícope, a páscoa é memorial, deve acompanhar Israel “nas vossas gerações” como decreto perpétuo. A páscoa é refeição memorial (*le-zikkaron*) que se realiza no contexto celebrativo-cultural.

Com a expressão ‘esse dia será para vós como memorial (*zikkaron*)’ (*Ex* 12, 14), o imperativo quer significar que o sinal e o evento não esgotam nessa ocasião suas potencialidades teológicas. Percorrendo esta perícope, M. Thurian afirma:

Cada geração de israelitas devia considerar-se não somente como membros de um povo que Deus, no passado, tinha chamado à vida, mas como sendo pessoalmente liberto por ele e feito participante de sua aliança (*Dt* 5,2; 29,13 s). Esta refeição, como toda refeição, seria um meio de renovar os laços que preservavam a unidade do povo de Israel. Enquanto refeição feita em memória (*zikkaron*) do grande ato-lembrança de seu Deus, e à imagem daquele que eles tinham no momento de sua intervenção, ela constituiria um meio de renovar o laço que os unia como povo resgatado. Em certo sentido, seria um meio de comungar com esse acontecimento passado ou com seus efeitos⁶.

O mandato memorial desempenha na instituição do sacramento vétero-testamentária a função de “ordem de interação”, em que, a figura

⁶ THURIAN, M. *L'eucharistie*. p. 27.

do cordeiro pascal não remete somente ao futuro imediato (passagem pelo Mar), mas remete, sobretudo, ao “futuro longínquo” dos filhos de Israel. Ainda que não fisicamente tenham passado pelo Mar, pela fé passarão, e isto, pelo memorial (*zikkaron*). A orientação do sinal (ceia, cordeiro, sangue) ao futuro longínquo, em que dado numa situação concreta, supera os limites dessa situação e se torna desse modo ‘memorial’. Um sinal, pelo qual, a comunidade fará memória ritual daquele evento.

Contudo, pode-se indagar: Como um evento irrepetível na história pode ser vivenciado em outro momento da história? Como resposta a questão deve-se inicialmente ponderar que de fato um evento do passado não pode ser ‘re-vivido’, pois a história é contingente. No entanto, o rito pode redirecionar esta realidade do passado, pois o rito é a repetibilidade, uma interação. É um retorno que presentifica a eficácia salvífica do evento fundador, por mediação do sinal profético.

O retorno à irrepetibilidade do evento fundante (a passagem pelo Mar) e do sinal profético (ceia no Egito) correspondem a repetibilidade inerente ao rito. Assim, o evento fundador da passagem dos israelitas pelo Mar Vermelho permanece irrepetível, pois é um evento único. Mas, pelo sinal profético o evento fundador não se detém no passado, mas pela mediação da ritualidade há uma correspondência.

Fica explícito que o *zikkaron* no Antigo Testamento não é uma mera recordação, um simples trazer à memória o passado, mas é um meio de atualizar o acontecimento salvífico ocorrido no passado, que se atualiza no ‘hoje’ da história pelo culto. O *zikkaron* é a possibilidade de Israel fazer história, pois passa a se recordar nos fatos ocorridos: pois se Deus havia intervindo na história passada, salvando o povo através da páscoa do Egito, continuará a salvá-lo nas contingências e vicissitudes históricas. Ainda que aparentemente escondido em sua Transcendência, o Deus salvador, está presente na história. Os Escritos do AT ao utilizarem o termo hebraico *zkr* não buscam expressar uma imagem presa no passado, mas fazer surgir uma realidade sempre escondida e sempre presente.

O *zikkaron* no Antigo Testamento é o memorial da refeição pascal, pelo qual, se fazia memória das ações de Deus, atualizando o acontecimento histórico que a festa anual da páscoa quer celebrar, ou seja, o êxodo de povo de Israel rumo ao deserto para prestar culto. E no culto ‘se recorda’ (*zikkaron*) o acontecimento fundador que presentifica

novamente a densidade salvadora deste acontecimento⁷. Assim, se expressa J.-M. Tillard:

A refeição pascal era o memorial, o *zikkaron*, pelo qual se fazia a ‘memória’ da intervenção salvífica de Deus para os Pais do Êxodo, intervenção fundadora da história do Povo de Deus. [...] no Memorial litúrgico, a lembrança do acontecimento ‘comemorado’ encontra-se sempre ligada a um desdobramento de forma diferente do dinamismo que a acompanhava e a sustentava. Com o simbolismo, o dinamismo original deve manifestar-se de novo. Quando Deus ‘se lembra’, ele age; quando ele ‘se lembra’ do acontecimento fundador da história de Israel, ele torna presente de novo a densidade histórica deste acontecimento. Esta era a finalidade da refeição pascal. [...] A noite de Páscoa torna-se, assim, a noite na qual, revivendo como memorial (*anamnese*) o acontecimento da salvação dos Pais, encontravam-se de novo tomados pelo seu poder, na espera do acontecimento definitivo da Salvação⁸.

Nas perícopes veterotestamentárias que apresentam a temática do memorial encontram-se duas nuances de sentido: a primeira quando o próprio Deus é sujeito de recordação, e no segundo quando é o homem o sujeito da memória. No primeiro caso, Deus aparece como sujeito do verbo *skr*, demonstrando que a raiz hebraica *skr* é essencial para a auto-revelação de Deus. Não como simples ‘recordar-se’ de Deus, mas é antes um comportamento que leva o próprio Deus a intervir na história de forma salvífica. Deus ‘recorda-se’ de intervir na história de seu Povo. Por fim, o segundo modo é quando o homem é o sujeito de *skr*, passa a ‘recordar-se’ dos eventos salvadores de Deus⁹.

Há, pois, um duplo movimento memorial nas perícopes veterotestamentárias, uma em relação ao homem que faz memória dos atos salvadores de Deus e o outro se refere ao próprio Deus como sujeito de ‘recordar-se’ de que tem que intervir na história para salvar, assim

⁷ “Por ocasião da celebração da páscoa e mediante a celebração da páscoa, Javé atualiza e representa todo o ano a salvação ‘pascal’; exatamente como no ‘hoje’ da festa deuteronômica da renovação da aliança não se tratava de ‘evento puramente subjetivo – de um como se fosse sem fundamento objetivo’ – mas, de ‘atualização da aliança do Sinai que perdura pelos séculos’, ‘de modo semelhante a ação salvífica divina da libertação de Israel do Egito de certa maneira se renova continuamente na celebração da sua memória.” SCHILDENBERGER, J. *Der Gedächtnischarakter des alt-und neutestamentlichen Pascha*. p. 83, citado por NEUNHEUSER, B. Memorial, p. 729.

⁸ TILLARD, J.-M. *L’eucharistie sacrement de l’Église communion*. p. 441.

⁹ NEUNHEUSER, B. Memorial, p. 727-728.

se expressa J. Tillard: “Quando Deus ‘se lembra’, ele age; quando ele ‘se recorda’ do acontecimento fundador da história de Israel, ele torna presente de novo [...]”¹⁰. Portanto, o *zikkaron* não é ação somente do Povo de Israel, mas o próprio Deus faz *zkr*. Quer seja Deus ou o homem o sujeito da recoração, em suma, trata-se sempre de uma memória-ação de graças, pois Deus no seu ‘recordar-se’ age concedendo a salvação. Para o homem o ‘recordar-se’ é rompimento de ação de graças, reconhecimento de Deus que salva.

3 O mandato memorial de Jesus: “Fazei isto em minha memória”

O culto cristão assume do judaísmo veterotestamentário a compreensão do memorial como recordação do evento salvífico que se atualiza no hoje da celebração litúrgica. Assim, como para os judeus o *zikkaron* presentifica as *Mirabilia Dei* do evento fundador, no caso, o êxodo com sua refeição pascal (*Pessach*), para os cristãos a Eucaristia é ‘memorial’ – *zikkaron*, não se limitando a recordar, mas atualiza sacramentalmente a paixão, morte e ressurreição do Senhor, compreendendo o Mistério Pascal, como sendo a maior, definitiva e perene ação salvadora de Jesus que nos deu na sua Ceia derradeira o mandato: “Fazei isto em minha memória”¹¹.

Essas palavras de Jesus na última Ceia foram conservadas no Novo Testamento em duas passagens: *Lc* 22, 19 e em *1 Cor* 11, 24. Este mandato possui o mesmo sentido do *zikkaron* veterotestamentário que estava presente em todas as festas religiosas de Israel, mas que se manifesta plenamente na celebração da Páscoa. O mandato de Jesus de fazer memória (*anamnese*) deve ser interpretado no sentido pleno que o termo *zikkaron* teve na linguagem veterotestamentário. Pois foi no contexto da festa judaica da Páscoa que Jesus realiza sua Ceia de despedida. É no quadro da teologia do *zikkaron* veterotestamentário que se deve buscar o sentido do memorial de Jesus. Assim o memorial não pode ser compreendido fora do quadro da tradição litúrgica neotestamentária. O sentido profundo das palavras de Jesus na Ceia, “Fazei isto em memória de mim”, deve ser entendido à luz da teologia do memorial de Israel.

¹⁰ TILLARD, J.-M. *L'eucharistie sacrement de l'Église communion*. p. 441.

¹¹ *1 Cor* 11,25.

Na Ceia Jesus inseriu a doação de seu corpo e sangue no *zikkaron* veterotestamentário. Segundo J. Gopegui ao inseri-lo, Jesus transforma o memorial, levando-o a plenificação, pois a ação salvífica de Iahweh, rememorada todos os anos na noite Pascal “[...] com o intuito de manter viva a esperança messiânica e suplicar sua realização, cumprem-se na comunhão das bênçãos divinas na mesa do Messias”¹².

Assim, como na economia veterotestamentária havia o ‘sinal profético’ (última ceia no Egito) e o ‘evento fundador’ (passagem pelo Mar), no Novo Testamento encontramos similitude. Jesus realizou uma ‘última ceia’ com seus discípulos (sinal profético), em que, antecipa o ‘evento fundador’ sua paixão, morte e ressurreição. O ‘sinal profético’ da ceia realizado “na véspera de sua paixão” e o ‘evento fundador’, o Mistério Pascal de Jesus, se implicam mutuamente. Ou seja, a paixão-morte-ressurreição de Jesus é teologicamente incompreensível sem a ceia pascal, assim como, no Antigo Testamento, a passagem pelo Mar é teologicamente impensável sem o quadro teológico da última ceia na véspera da fuga do Egito.

Há uma relação amiúde entre o ‘sinal profético’ (pão e vinho – refeição) e o ‘evento fundador’ (paixão-morte-ressurreição de Jesus), que a teologia neotestamentária expressa a partir da categoria teológica de ‘comunhão’. Vide a teologia paulina: “O cálice da bênção que abençoamos, não é acaso comunhão com o sangue de Cristo? O pão que partimos, não é acaso comunhão com o corpo de Cristo?” (*1 Cor* 10,16). Mergulhando na teologia neotestamentária, os Pais da Igreja e a própria liturgia a expressão com os termos, tais como: “sacramento, tipo, sinal, figura, semelhança”. A teologia da presença do ‘sinal profético’ no ‘evento fundador’ na compreensão neotestamentária e patrístico-litúrgica, são na verdade, um prolongamento do *Ex* 12,13, em que, o hagiógrafo afirma que o sangue seria um sinal.

Ao dizer: “Isto é o meu corpo. [...] Este cálice é a nova aliança em meu sangue”, Jesus estabelece a relação de ‘sinal profético’ com o pão e o vinho na última ceia. Anunciando, portanto, profeticamente o que aconteceria em seu ‘evento fundador’, a Páscoa. Na teologia veterotestamentária encontra-se uma relação não só com o passado, mas também com futuro. Jesus por sua prefiguração na Ceia, que é irrepetível, anuncia o futuro imediato (a sua morte de cruz e ressurreição) e se abre para o futuro longínquo (prefiguração litúrgica – ritual).

¹² GOPEGUI, J. *Eukharistia*. p. 269.

A ligação entre o ‘evento fundador’ e o ‘sinal profético’ na teologia vétero e neotestamentário, decorre a interação pelo mesmo termo, a saber, o memorial. Tanto no AT como no NT há um mandato memorial: em *Ex* 12, 14 se afirma que “Este dia será para vós como memorial (*zikkaron*) [...] por todas as gerações”, também no NT Jesus dá um mandato memorial, “Fazei isto em meu memorial (*anámnesis*)” (*Lc* 22, 19). O antigo e o novo Israel (a Igreja) se tocam profundamente pelo rito que presentifica o ‘evento fundador-salvífico’ no sinal. Enquanto, que no AT o evento fundador se torna presente no sinal do sangue do cordeiro, no NT o sinal é o corpo e o sangue de Jesus a ser entregue.

Jesus insere a sua Páscoa na teologia da páscoa de Israel, plenificando-a, pois assim como a celebração da refeição pascal para os israelitas é a forma de se associar na ação salvadora e libertadora de Iahweh, assim também Jesus insere o memorial eucarístico, do seu corpo e sangue, que será entregue como ato salvífico. Permitindo aos cristãos se associarem pelo memorial (*anamnese*) à sua Páscoa¹³.

Ao inserir sua Páscoa, no contexto do *zikkaron* da Páscoa do êxodo, segundo M. Nadeau deve-se ao fato de que, assim o fazendo, Jesus introduz a sua Páscoa na antiga Páscoa, indicando-nos “[...] sem ambiguidade que, certamente, ele não dava a seus gestos e palavras um alcance menor do que o do *zikkaron* do êxodo”¹⁴. Falar do ‘memorial’ do Antigo Testamento é tratar de um aspecto de fundamental importância para a própria fé de Israel. No Novo Testamento aparece claramente no mandato de Jesus: “Fazei isto em memória de mim” (*Lc* 22,9 e *I Cor* 11,24-25), o sinal de identificação que Jesus quer dar entre a Ceia pascal judaica e a Ceia derradeira que ele celebra como anfitrião com seus discípulos.

Portanto, pode-se afirmar que o mandato de Jesus na última Ceia insere-se no contexto do memorial judaico, expresso na teologia veterotestamentária do *zikkaron*. Em relação ao contexto de inserção da páscoa, por parte de Jesus o sentido profundo deste mandato de Jesus na Ceia, no qual, este afirma que devem os discípulos fazer em memória dele através de uma ceia memorial, não pode ser compreendido fora do quadro mais amplo da tradição litúrgica do AT que se torna húnus da instituição anamnética neotestamentária.

¹³ O memorial ou *anamnese*, segundo J.-J. Allmen, “[...] a evocação ritual de um acontecimento passado, para devolver-lhe a sua virtude primeira e, mais ainda, a inserção daqueles que fazem a *anamnese* no próprio acontecimento que a celebração comemora”. ALLMEN, J.-J. *Essai sur Le repas Du Seigneur*. p. 24.

¹⁴ NADEAU, M. *Une mémoire sans pareille: l’Eucharistie*. p. 44.

4 A dimensão escatológica do memorial

A dimensão escatológica do memorial na bibliografia especializada é frequentemente negligenciada parcialmente ou é pouco desenvolvida. J. Ratzinger sublinha que o memorial não tem relação somente com o passado e o presente, mas também com o futuro, a dimensão escatológica. A *anamnese* “[...] é a lembrança, celebração pelo ser humano, da ação salvadora de Deus, mas também um apelo a Deus do que resta a fazer; é o apelo da esperança e da confiança para o que vai vir”¹⁵. Revelando, portanto a esperança do cumprimento pleno da salvação que paulatinamente vai crescendo na consciência eclesial, como atesta a teologia do NT. Como é explícito na primeira carta de Paulo aos Tessalonicenses, mas que comparado à ulterior teologia percebe-se uma postergação da eminente vinda de Cristo.

O evento salvífico no passado, pelo rito abre-se para o futuro, este é o modo como Israel compreendia o *zikkaron* (recordação). Como bem sublinha a propósito Ratzinger ao afirmar:

‘Memorial’ não tem relação somente com o passado e o presente, mas também com o futuro: é a lembrança pelo ser humano, da ação salvadora de Deus, mas também um apelo a Deus do que resta fazer; é o apelo da esperança e da confiança para o que vai vir¹⁶.

Assim, Jesus compreendia que o evento pascal do êxodo não se detia no passado da história de Israel, mas estava aberto para o futuro, para as futuras intervenções salvíficas de Deus no caminho aberto pelo êxodo primordial, que se abriria para os êxodos contínuos da história de Israel. Por isto, Jesus assume esta abertura para o futuro atualizando de uma vez por todas (*Hb 9,26*)¹⁷. Ou seja, Jesus na última Ceia insere esta, na Ceia pascal israelita, abrindo-a para o futuro, como sendo a nova e eterna Aliança.

É possível estabelecer uma relação entre as quatro etapas de uma mesma Páscoa: a páscoa de Israel (páscoa fundante-figura-profecia), páscoa de Jesus na Ceia derradeira (páscoa fundamental-realização),

¹⁵ RATZINGER, J. L’eucharistie est-elle un sacrifice? p. 74.

¹⁶ RATZINGER, J. L’eucharistie est-elle un sacrifice? p. 74.

¹⁷ *Ephapax* é um termo grego que significa “de uma vez por todas”. Aparece 5 vezes no Novo Testamento (*Rm 6,10; 1 Cor 15,6; Hb 7,27; 9,12; 10,10*).

bem como, a páscoa eclesial (páscoa memorial-sacramental) e por fim, a páscoa escatológica (núpcias do cordeiro). Uma Páscoa em etapas. Não etapas estanques, mas uma única Páscoa que se desdobra necessariamente em etapas.

Para compreender o sentido da Ceia de Jesus como evento atualizado no ‘hoje’ do memorial, remontamos ao ‘ontem’ da páscoa judaica, mas faz-se igualmente necessário lançar-se no ‘amanhã’ da Ceia definitiva, da Ceia escatológica. M. Thurian considera, com efeito, que se damos graças a Deus pela páscoa do passado (páscoa de êxodo) que se atualiza pelo memorial na páscoa atual (páscoa sacramental), igualmente esta se torna penhor da páscoa escatológica, perfeita e definitiva¹⁸.

A dimensão escatológica do rito pascal, sobretudo, nos últimos séculos do judaísmo é que se aprofundou, principalmente pelo movimento apocalíptico que gerou uma literatura apocalíptica no AT. Evidenciando assim, que a esperança judaica se alimenta na páscoa, em vista, de um futuro salvífico-messiânico. A páscoa passou a ser para o povo judeu, alimento de esperança messiânica, de uma salvação definitiva no futuro, a chegada do messias-salvador da parte de Deus. O rito pascal evidencia esta dimensão messiânico-escatológica como corrobora dois testemunhos: E. Kilmartin e de J.-M. Tillard.

Para E. Kilmartin, no período que precede a era cristã, o judaísmo concebia a festa da páscoa, como festim messiânico. Portanto, destaca que a festa pascal tinha adquirido uma tônica nova, tinha se tornado a mais messiânica de todas as festas do povo judeu. Havia, segundo o autor, uma sólida tradição em relacionar a tríade: páscoa, memorial, escatologia. A tradição afirmava que o Messias escatológico viria estabelecer seu reino com o festim da páscoa¹⁹.

O outro testemunho é o de J.-M. Tillard, segundo o qual, a celebração da páscoa judaica destacando o rito dos cálices, revestia-se de um pleno significado messiânico. Dentro deste rito do cálice, destaca que às vezes “[...] chegavam a encher um cálice para Elias, porque esperam que o Messias voltará em uma noite pascal”²⁰.

Destes testemunhos da dimensão escatológica presente no memorial israelita evidencia-se que o povo de Deus já no AT celebrava

¹⁸ THURIAN, M. *L'eucharistie*. p. 36-37.

¹⁹ KILMARTIN, E. *La dernière cène et les premiers sacrifices eucharistiques de l'Église*, p. 34.

²⁰ TILLARD, J.-M. *L'eucharistie, sacrement de l'espérance ecclésiale*, p. 568.

o *zikkaron* numa perspectiva de rememoração dos eventos do passado, de atualização do evento no hoje da história, mas abrindo-se para o futuro. O memorial israelita da libertação do povo do Egito nunca perdeu o seu olhar dirigido ao futuro, visto que havia uma promessa da terra onde corre leite e mel, a terra da salvação-libertação que se cumpriria. Israel continua reinventando a páscoa em sua dimensão escatológica, consolidando a tradição da promessa do Messias salvador que se realizaria no futuro.

Portanto, o memorial veterotestamentário possui, em sua essência, uma dimensão escatológica. Cristo cumpre em sua Ceia pascal o que esperava Israel, ou seja, o Messias salvador, em meio ao festim pascal inaugura a salvação definitiva. A salvação que aconteceria na cruz, Jesus antecipa sacramentalmente para o festim ritual da páscoa, cumprindo a esperança do povo judeu, que esperava o Messias escatológico no contexto Pascal. M. Naudeau afirma que não é de se admirar que Cristo tenha feito do memorial litúrgico israelita o seu memorial, “que ele nos deixe uma refeição, que significa ao mesmo tempo presente de despedida e promessa escatológica”.

No Novo Testamento aparece também esta dimensão escatológica em relação à páscoa de Cristo que é alimento de esperança da Igreja, a perícopes de *1 Cor 11, 26* afirma que: “Todas as vezes, pois, que comeis desse pão e bebeis desse cálice, anunciais a morte do Senhor até que ele venha”. Portanto, há na teologia neotestamentária paulina um vínculo entre o memorial (*anamnese*) eucarístico e o conjunto da história da salvação. Um vínculo entre memorial e escatologia, em que, o acontecimento rememorado ritualmente na páscoa eucarística realiza-se no mandato memorial do Senhor na Ceia. Há na Ceia de Jesus, portanto, um momento retrospectivo (o cumprimento da esperança messiânica do Povo de Deus) e um momento prospectivo, pois lança para um “ainda não plenamente” realizado, em que, o Novo Povo de Deus permanece na esperança escatológica.

A tensão entre o “já” e o “ainda não” aparece na teologia neotestamentária relacionada ao memorial eucarístico. No contexto da espera da realização definitiva da obra salvadora de Deus realizada em Cristo e no Espírito Santo, a Igreja celebra o memorial da páscoa de Cristo, em ação de graças (eucaristia), “até que ele venha”. Explicitando que a comunidade eclesial celebra a Eucaristia de forma petítiva, suplicando em cada liturgia: *Marana tha* – “Senhor, vem!”. Como evidenciam as perícopes neotestamentárias: *1 Cor 16, 22* e *Ap 22,20*, a comunidade

orava na esperança da vinda do Senhor, de seu retorno escatológico. J. Tillard acerca do retorno escatológico afirma:

Se, em Jesus, o acontecimento central da história sobreveio, a ponto de que a antiga transcenda em uma nova aliança, a comunidade apostólica sabe que, entretanto, não está tudo realizado. Ela espera o acontecimento final, que será, segundo a própria carta aos coríntios, o momento em que Cristo vai ‘entregar o reino a Deus Pai, depois de ter destruído todo principado, toda autoridade, todo poder’ e, tendo destruído até a morte, ‘quando todas as coisas lhe tiverem sido submetidas, então o próprio Filho submeterá àquele que tudo lhe submeteu, para que Deus seja tudo em todos’ (*I Cor 15, 24-28*). Será, diz Paulo, o dia da ressurreição final (*I Cor 15, 20-23*). Na refeição do Senhor, também a comunidade cristã retoma o grande grito que desde as origens sobe para Deus. Seu *Marana tha* – ‘Senhor, vem’ – é a oração escatológica da páscoa de Israel, relida à luz da ressurreição do Senhor²¹.

A Igreja, ao se reunir para celebrar a páscoa memorial do Senhor, anuncia na Eucaristia, a Páscoa plena dos últimos tempos, e clama oracionalmente pela vinda escatológica de Cristo. Em cada celebração Eucarística, a assembleia prorrompe aclamando uma das três previstas orações, das quais, duas evidenciam claramente a dimensão escatológica da Eucaristia: “Anunciamos, Senhor, a vossa morte e proclamamos a vossa ressurreição. Vinde, Senhor Jesus”, ou “Todas as vezes que comemos deste pão e bebemos deste cálice, anunciamos, Senhor, a vossa morte, enquanto esperamos a vossa vinda!”²².

Celebrar, portanto a memória pascal de Cristo é também alimentar na assembleia, a esperança da páscoa definitiva, inserindo-se na esperança veterotestamentária que alimentava a expectativa messiânica do povo de Israel. Este inserir-se da esperança cristã na esperança do povo judaico é relido à luz do evento pascal-ressurrecional.

Considerações Finais

O termo *zikkaron* com suas implicações teológicas ilumina a teologia do memorial (*anamnese*) contido nas Anáforas, portanto a

²¹ TILLARD, J-M. L'eucharistie, sacrement de l'espérance ecclésiale, p. 444.

²² MISSAL Romano. Respostas das Orações Eucarísticas proferidas após o relato da Instituição da Eucaristia.

teologia litúrgica das Orações Eucarísticas, no que tange, a *anamnese* depende do *zikkaron* para melhor compreendê-las.

As Orações Eucarísticas afirmam que se deve glorificar, exaltar, bendizer, ou seja, dar graças a Deus “sempre e em todo lugar”, contudo, J. Gopegui questiona como é possível realizar esta atitude de ação de graças. Para tanto, o mesmo Gopegui assegura que a resposta já havia sido dada na espiritualidade da *berakah*, tão cara à teologia veterotestamentária. Esta atitude de ação de graças atinge sua plenitude no culto cristão, como apresenta L. Maldonado²³. Assim, assevera J. Gopegui:

A Eucaristia é, como a *berakáh*, solene memorial ou *zikkaron* da história da salvação: memorial da morte e ressurreição de Jesus, centro e cume de toda essa história. Memorial das maravilhas de Deus na história conturbada da humanidade. Somente lembrando as *Mirabilia Dei* é possível manter em todo tempo e lugar a atitude interior de admiração que leva ao louvor. [...] O sentido mais frequente do ‘memorial’ na Escritura é este: Deus se lembra da Aliança, que é promessa de fidelidade²⁴.

Este não é uma mera recordação, mas um rememorar em vista de atualizar a obra salvadora de Deus no *hodie* da celebração litúrgica. Assim, as palavras de Jesus ecoam na história da Igreja, num perene proclamar das Orações Eucarísticas: “Fazei isto em minha memória”

Referências

AUGÉ, Matias. *Liturgia – história, celebração, teologia e espiritualidade*. São Paulo: Ave-Maria, 1996.

ALLMEN, Jean-Jacques von. *Essai sur le repas du Seigneur*. Suisse: Delachaux et Niestlé, 1966. <http://dx.doi.org/10.1017/s0036930600026958>

BARBA, Maurizio. *La riforma Conciliare dell’ Ordo Missae*. Il percorso stotico-redazionale dei Rito d’ingresso, di offertotio e di comunione. Roma: Edizioni Liturgiche, 2008.

BEAUCHAMP, Paul. Le message biblique et notre passé. *Christus*, Cidade do México, n. 53, p. 23-36, 1966.

BERGAMINI, Augusto. *Cristo, festa da Igreja: O Ano Litúrgico*. São Paulo: Paulinas, 2004.

²³ MALDONADO, L. *La plegaria eucarística*

²⁴ GOPEGUI, J. *Verdade e caminho da Igreja*. p. 81-82.

BERARDINO, Angelo Di (Org.). *Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristãs*. Petrópolis: Vozes, 2002.

BOGGIO, Giovanni; BROVELLI, Franco; CARIDEO, Armando. Il Messale Romano del Vaticano II – Orazionale e Lezionario. *Quaderni de Rivista Liturgica*, Torino-Leumann, v. 6, 1984.

BOTTE, Bernard. *La Tradition Apostolique d'après les anciennes versions*. Paris: Les Éditions du Cerf, 1984.

BOUYER, Louis. *Eucaristia – Teologia e spiritualità della preghiera eucaristica*. Torino: Editrice Elle Di Ci, 1983.

CHUPUNGCO, Anscar J. *Scientia liturgica. Manuale di liturgia. L'Eucaristia*. Vol. III. Piemonte: Casale Monferrato, 1998.

CONGAR, Yves. Pneumatologia ou “christomonisme” dans La tradition latine? *Ephemerides Theologicae Lovanienses*, Louvain-la-Neuve, v. 45, p. 394-407, 1969.

FLORES, Juan Javier. *Introdução à Teologia Litúrgica*. São Paulo: Paulinas, 2006.

GIRAUDO, Cesare. *Num só corpo*. Tratado mistagógico sobre a eucaristia. São Paulo: Loyola, 2003.

GOPEGUI, Juan A. Ruiz de. *Eukharistia*. Verdade e caminho da Igreja. São Paulo: Loyola, 2008.

JEREMIAS, Joachim. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Paulus, 2004.

JORNEL, Pierre. *La Messe hier et aujourd'hui*. Paris: O.E.I.L., 1986.

JUNGMANN, Josef Andreas. *Missarum Sollemnia*. São Paulo: Paulus, 2009.

LODI, Enzo. *Liturgia della Chiesa*. Guida allo studio della liturgia nelle sue fonti antiche e recenti. Bologna: Centro Editoriale Dehoniano, 1981.

KILMARTIN, Edward. La dernière cène et les premiers sacrifices eucharistiques de l'Église. *Concilium*, Nijmegen, n. 40, p. 33-43, 1986.

LORENZEN, Lynne Faber. *Introdução à Trindade*. São Paulo: Paulus, 2002.

MAGGIONI, Bruno; MAZZA, Enrico; GRAMPA, Giuseppe. *L'Eucaristia celebrata: professare il Dio vivente – Linee di ricerca*. Roma: Edizioni Liturgiche, 1991.

MALDONADO, Luis Arenas. *La plegaria eucarística: Estudio de teología bíblica y litúrgica sobre La misa*. Madrid: La Editorial católica, 1967

MARSILI, Salvatore. *A liturgia: momento histórico da salvação*. São Paulo: Paulus, 1986.

_____. *Sinais do Mistério de Cristo*. Teologia dos sacramentos, espiritualidade e ano litúrgico. São Paulo: Paulinas, 2009.

MARTIMORT, Aimé Georges. *A Igreja em oração: Introdução à Liturgia*. Singeverga: Desclée e cia, 1965.

MARTÍN, Julian Lopez. *A Liturgia da Igreja*. Teologia, história, espiritualidade e pastoral. São Paulo: Paulinas, 2006.

- MAZZA, Enrico. *L'action Eucharistique*. Origine, développement, interprétation. Paris: Cerf, 1999.
- MISSAL Romano. São Paulo: Paulus, 1992.
- MORESCHINI, Cláudio; NORELLI, Enrico. *Manual de literatura cristã antiga e latina*. Aparecida: Editora Santuário, 2005.
- NADEAU, Marie-Thérèse. *Une mémoire sans pareille: l'Eucharistie*. Montreal: Médiaspaul, 2001.
- NEUNHEUSER, Burkhard. Memorial. In: SARTORE, Domenico; TRIACCA, Achille. *Dicionário de Liturgia*. São Paulo: Paulinas, 1992. p. 723-736.
- PADOIN, Giacinto. *O pão que eu darei – O sacramento da Eucaristia*. São Paulo: Paulinas, 1999.
- PORTO, Humberto. *Liturgia judaica e liturgia cristã*. São Paulo: Paulinas, 1977.
- RATZINGER, Joseph. L'eucharistie est-elle un sacrifice? *Concilium*. Nijmegen, n. 24, p. 67-75, 1967.
- _____. *Introdução ao espírito da Liturgia*. Lisboa: Paulinas, 2001.
- TILLARD, Jean-Marie Roger. L'eucharistie, sacrement de l'espérance ecclésiale. *Nouvelle Revue Théologique*. Bruxelas, n. 83, p. 561-592, 1961.
- THURIAN, Max. *L'eucharistie*. Lonay: Delachaux et Niestlé, 1959.
- VAGAGGINI, Cipriano. Il Canone della Messa e la riforma Liturgica – Problemi e progetti. *Quaderni de Revista Liturgica*, Torino-Leumann, v. 4, 1966.

Recebido em: 10/09/2015

Aprovado em: 30/11/2015